

A QUESTÃO DE CHIPRE E A ATUAÇÃO DA ONU

João Pedro de Paschoal

Andressa Regis Melquiades Queiroz

Otávio Brasileiro Pires de Camargo¹

INTRODUÇÃO

A República de Chipre é um pequeno país insular situado no Mar Mediterrâneo. Historicamente, o território cipriota apresenta uma vasta influência da Europa, sendo um dos maiores exemplos a integração do país na União Europeia (UE), da qual é Estado-membro desde 2004. Internamente, o país é habitado por duas comunidades, a grego-cipriota e a turco-cipriota. A diversidade entre estes grupos acarretou um confronto que se prolonga há aproximadamente meio século, originado nas décadas de 1960-70, mas que possui raízes ainda mais antigas. Para resolver o conflito, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu a Força das Nações Unidas para Manutenção da Paz em Chipre (UNFICYP) - uma das missões mais longas da Organização, atuando no país desde 1964.

BREVE HISTÓRICO DE CHIPRE

Possuindo sítios e artefatos que indicam uma ocupação humana

antecedente a Era do Bronze², a ilha de Chipre, devido sua privilegiada posição estratégica³ entre os continentes africano, asiático e europeu, fora almejada por impérios e civilizações, e ocupada diversas vezes no decorrer de sua história. Devido à sua importância estrutural na delimitação histórica de Chipre, destacamos os períodos: de influência helenística na ilha; de dominação romana, tanto ocidental quanto oriental; de domínio bizantino, quando o território cipriota se tornou zona neutra; da ocupação otomana, que sucedeu a conquista e domínio cruzadista; de anexação e controle britânico da região, entre o final do século XIX e a independência na década de 1960.

O território de Chipre é habitado há mais de 11 mil anos⁴, desenvolvendo-se como civilização a partir do período Neolítico (8200-3900 a.C.), quando os primeiros sinais de assentamentos são datados. Diante do privilégio da localização, os colonos da ilha desenvolveram-se de maneira significativa no comércio, quando conexões com os povos das regiões próximas, como os do Reino do Nilo e, principalmente, de Creta, passaram a ser mais intensas. Com o advento da Era do Bronze, a influência e o estabelecimento dos gregos passaram a ser dominantes. A dinâmica política e cultural da região se transformou, o Chipre tornou-se um local de disputa e foi dominado e reconquistado por persas, gregos e macedônicos, até a dominação pelo



Militante do EOKA lutando contra soldados britânicos em 1956.
Autor: British Colonial Government.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Street_riot_in_Nicosia_1956.jpg

Império Romano no final do século I a.C.

Durante o período como província romana, a região recebeu grande influência da religião cristã, sendo visitada pelos apóstolos Paulo e Barnabé (que era cipriota) para a conversão dos habitantes e a construção da primeira igreja na ilha. Com o declínio do Império Romano, os cipriotas experimentaram uma breve autonomia com o desvinculo administrativo do império, encerrada com a dominação por parte do Império Bizantino⁵ durante a Idade Média. A administração de Chipre por Constantinopla perdurou até 688, quando, por meio de um acordo entre o imperador bizantino e o califa de Bagdá, a região foi decretada neutra⁶, buscando evitar conflitos entre as duas grandes civilizações por questões comerciais e militares. Porém, devido às constantes violações do acordo provinda de ambas as partes, os bizantinos retomaram o poder, que durou até a invasão do Rei Ricardo Coração de Leão em 1191, no contexto das cruzadas⁷.

Introduzida e adaptada ao sistema feudal europeu pelos cruzadistas⁸, Chipre passou por um período próspero em que os descendentes gregos mantinham sua identidade histórica, ainda que pela influência da Igreja Católica e dos povos que viriam a formar a Itália⁹. Com o fortalecimento comercial de Veneza e Gênova, a ilha passou a ser administrada por nobres e mercantis dessas regiões itálicas, servindo de entreposto comercial e base de contenção do avanço muçulmano¹⁰. Porém, em 1570, forças do Império Turco-Otomano invadiram e conquistaram Chipre¹¹. O domínio otomano perdurou por três séculos, tempo suficiente para a instalação e construção de uma identidade turca no território. A ilha, porém, não fora muito aproveitada pelo Império. Em 1878, sua administração foi

transferida para os britânicos a partir da Convenção do Chipre, com o intuito de servir de base para os ingleses protegerem o sultão e seus domínios do Império Russo¹².

Em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, que pôs o Império Otomano contra o Reino Unido, Chipre passou a ser um território anexado pelos britânicos, até tornar-se, em 1923, colônia inglesa, com o Tratado de Lausanne¹³. Todavia, durante o período de administração e controle inglês na ilha, a população, dividida entre as descendências turca e grega, buscava libertar-se do domínio britânico¹⁴. Assim, a parte grego-cipriota aderiu à luta armada¹⁵ para a expulsão dos colonizadores, obtendo apoio militar e tático da Grécia, interessada na unificação do território. Em contrapartida, o Reino Unido, aliado à Turquia, auxiliou na luta para a contenção do movimento em prol da emancipação (destacada pela ação do grupo paramilitar TNT), visando com isso, adquirir parte do território cipriota. Com o perdurar do conflito, a década de 1950 fora marcada por negociações entre os países envolvidos, pressionados pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e pelos Estados Unidos, levando à uma série de acordos que culminariam, em 1960, com a independência de Chipre¹⁶.

Com a independência, foi instituída uma Constituição que repartia os poderes entre grego-cipriotas e turco-cipriotas.¹⁷ No entanto, Grécia, Turquia e Reino Unido continuaram exercendo influência sobre a recém-república, ficando responsáveis por garantir que o território não fosse particionado ou anexado por outros Estados. Algumas questões cruciais para o desenvolvimento da República de Chipre foram deixadas para o pós-independência, como as diretrizes fundamentais para a administração das duas comunidades. Nesse contexto, buscando otimizar as leis para o gerenciamento do Estado, em 1963, o Presidente Makarios III, incentivado pelo Alto Comissariado Britânico em Chipre, propôs 13 emendas à Constituição, as quais seriam a base para estruturação do país¹⁸.

A proposta de Makarios gerou o descontentamento da comunidade turco-cipriota, que rejeitou as emendas e declarou como inválida a Constituição de 1960 e, conforme as diretrizes do governo turco, pediram a *taksim*, ou seja, a divisão da ilha com o norte sob domínio turco e o sul sob domínio grego¹⁹. A crise gerada não envolvia somente os atores internos de Chipre, mas também a Turquia e o Reino Unido.



Manifestações de cipriotas gregos pela Enosis em 1930.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cypriot_demonstration_1930.jpg

Deste modo, ao perceber que se tratava de uma crise internacional, Makarios resolveu levar a questão para a Organização das Nações Unidas (ONU).²⁰ O Conselho de Segurança considerou que a situação cipriota ameaçava a segurança internacional e, em 4 de março de 1964, aprovou, com o consentimento cipriota, a Resolução 186, que criou a *United Nations Peacekeeping Force in Cyprus* (UNFICYP)²¹.

A mediação entre as comunidades turco-cipriota e grego-cipriota foi liderada por Galo Plaza que, por meio de um relatório em 1965²², posicionou-se de forma contrária à partição territorial de Chipre, conselho aceito pela Grécia e pelo governo cipriota, mas rejeitado pela Turquia. O governo turco, que era favorável à partição de Chipre, seguiu mantendo esforços para alcançar esse objetivo, enviando armamentos à comunidade turco-cipriota. A Grécia, no entanto, temendo invasões turcas, também enviou tropas para a ilha²³.

Após o desdobramento da UNFICYP, a ilha manteve relativa estabilidade entre as comunidades. No entanto, em janeiro de 1967, o general cipriota grego, George Grivas, que comandava a Guarda Nacional de Chipre, desdobrou tropas na região de Kofinou. Mesmo com a insatisfação turco-cipriota que, através de seu líder local, firmou um acordo com a UNFICYP para evitar incidentes, as tropas permaneceram na região. Em fevereiro do mesmo ano, a Guarda Nacional recebeu reforços, provocando reações da comunidade turco-cipriota, que avançou nas cidades vizinhas de Agios Theodoros, desencadeando um atrito com a UNFICYP em Kofinou e nas cidades de Pafos e Lefká²⁴.

Em novembro, entretanto, a polícia de Chipre decidiu retomar a patrulha em Agios Theodoros, comunicando

à UNFICYP que a Guarda Nacional escoltaria, caso necessário, os policiais na região, para protegê-los das tropas turco-cipriotas. No dia 15 do mesmo mês, graves combates entre os três grupos eclodiram, resultando na invasão de Agios Theodoros e de Kofinou pela Guarda Nacional. Em resposta ao ataque, a Turquia levou a questão ao Secretário-Geral da ONU, Maha U Thant, que solicitou à Grécia e Chipre que a Guarda Nacional desocupasse as áreas em que estava instalada e que o General Grivas fosse retirado de seu comando. Nos dias seguintes, diversos voos turcos foram vistos sobre a ilha e confrontos armados se espalharam para Kokkina e Kyrenia²⁵ (Girne)²⁶. Com o objetivo de evitar a escalada do conflito, o Secretário-Geral da ONU fez o primeiro apelo às autoridades cipriotas, gregas e turcas para que não desencadeassem novas animosidades e, para tanto, enviou um representante pessoal a cada uma das capitais envolvidas.



Makários III, o primeiro presidente do Chipre.
Autor: Bundesarchiv, 22 maio 1962.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_B_145_Bild-F012976-0007_Bonn_Staatsbesuch_Pr%C3%A4sident_von_Zypern.jpg

Posteriormente, Thant tentou selar um acordo entre as partes visando à redução faseada e a retirada definitiva das forças armadas turcas e gregas da região, deixando apenas as tropas da ONU. Ainda, prometeu o apoio da UNFICYP na elaboração dos programas de retirada das forças. As ações de Thant foram levadas ao

Conselho de Segurança, que consultou as partes envolvidas e aprovou a declaração de consenso que apelava aos países cooperação para a manutenção da paz em Chipre²⁷.

Em dezembro daquele mesmo ano, o Secretário-Geral fez o seu terceiro apelo, dessa vez às autoridades, para que fossem retiradas as tropas turcas e gregas da ilha. O pedido foi atendido pelos três Estados. A Turquia apoiou a extensão do mandato da UNFICYP, pois dessa maneira, as forças da ONU poderiam supervisionar o processo de desarmamento no país.²⁸

Grécia e Turquia chegaram a um acordo no qual se estabeleceu a retirada das tropas gregas da ilha entre 8 de dezembro e 16 de janeiro de 1968. No entanto, não foi alcançado um consenso no que tange um acordo de reciprocidade nos contingentes dos países presentes na ilha e, desse modo, a UNFICYP ficou responsável por verificar possíveis excessos das tropas turcas e gregas que permaneceram na ilha.²⁹

Após os esforços para a superação das hostilidades, em 1968 o clima de estabilidade e segurança intercomunitária foi reestabelecido em Chipre e, em 1969, o Presidente cipriota confirmou seu interesse em estender medidas de livre-circulação dos turcos-cipriotas em toda ilha. Mas, apesar da sugestão do Secretário-Geral nas Nações Unidas, o líder da comunidade cipriota turca, Rauf R. Denktash, não demonstrou reciprocidade em relação à livre circulação de cipriotas gregos³⁰.

A CRISE DE 1974: A INVASÃO TURCA

Após a repercussão da crise de 1967, sobretudo no âmbito internacional, o Presidente de Chipre adotou uma postura política distinta, deixando de lado o sonho grego-cipriota da *enosis*³¹, o que não agradou a essa

comunidade e aos partidos EOKA e EOKA-B e a Junta Militar da Grécia.³² Em 1968, Makarios III foi reeleito Presidente de Chipre com cerca de 95% dos votos³³. Sua política de resolução do conflito no país, que incluía o apoio à independência do território, gerou o descontentamento da Junta grega e preocupou os Estados Unidos e Reino Unido, que esperavam por uma ‘*dupla enose*’³⁴, conforme proposto do Plano Achenson³⁵. Os países temiam que a postura de Makarios pudesse propiciar a execução de planos soviéticos de influência sobre o Mediterrâneo, o que não aconteceu.³⁶

Makarios e o Estado grego. O ex-general Grivas retornou à ilha para liderar um movimento contra a polícia cipriota de Makarios, em uma ação apoiada pela Junta, mas acabou morrendo no início de 1974. Diante desse cenário, a Junta ganhou ainda mais poder de influência e, em 15 de julho de 1974, a Guarda Nacional depôs Makarios. Em seu lugar assumiu Niko Sampson, um antigo atirador da EOKA, pró-enosis e anti-turco, instigando uma reação internacional e levando a Turquia a decidir invadir a ilha.³⁸

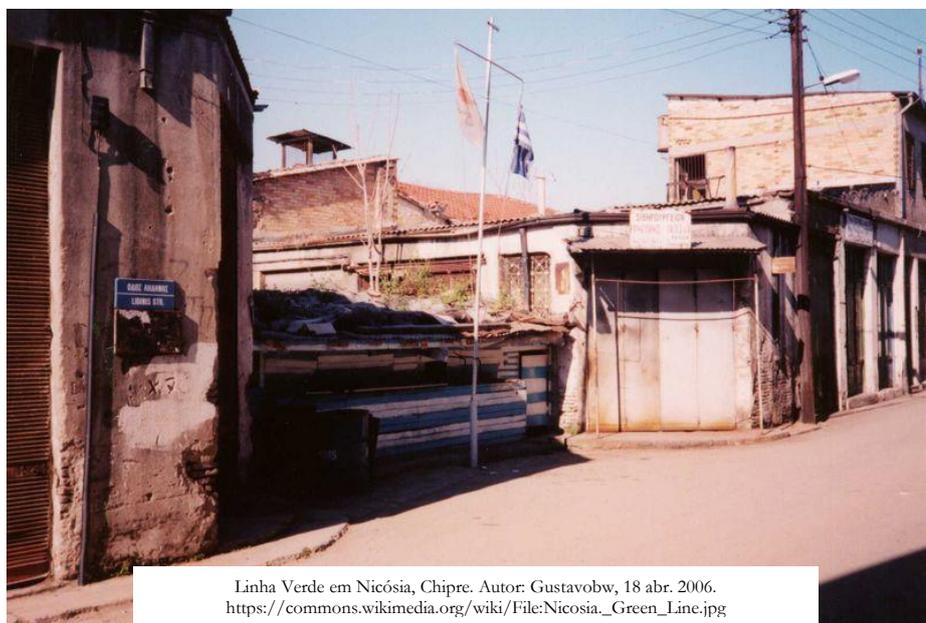
Em 20 de julho, a Turquia, utilizando o Tratado de Garantia³⁹ como respaldo, enviou uma força militar

acordos internacionais; evocou Turquia, Grécia e o Reino Unido a promover negociações de modo a restaurar a paz e um governo constitucional na ilha; clamou às partes para que colaborassem com as tropas da UNFICYP a fim de garantir que o mandato fosse respeitado e estabeleceu que a situação do país ficaria sob supervisão de Thant, visando a restauração da paz o mais rápido possível⁴¹.

Embora o Conselho tenha anunciado o cessar-fogo em 22 de julho, no dia seguinte novos embates foram registrados em áreas ocupadas pela UNFICYP, declaradas como protegidas pela ONU⁴². Como resultado, o Presidente Niko Sampson foi deposto pelos turcos, assumindo o então Presidente da Câmara, Glafcos Clerides⁴³. O cessar-fogo foi desrespeitado novamente em agosto, quando uma operação militar da Turquia ampliou a sua zona de domínio na ilha em mais 37%. O Conselho de Segurança novamente pediu a retirada das tropas estrangeiras da ilha e a instauração de um novo cessar-fogo⁴⁴.

OPERAÇÃO DE PAZ DA ONU EM CHIPRE

Iniciada em 1964, a Operação de Paz da ONU em Chipre, conhecida como UNFICYP, busca evitar confrontos entre as comunidades que habitam a ilha, almejando um acordo de paz entre os gregos-cipriotas e os turcos-cipriotas⁴⁵. Com mandatos prorrogados periodicamente pelo Conselho de Segurança em períodos de seis meses, desde então a UNFICYP tem o objetivo de evitar a luta entre as comunidades, além de contribuir com a manutenção e restauração da lei e da ordem no território, buscando garantir o retorno da normalidade⁴⁶.



Linha Verde em Nicósia, Chipre. Autor: Gustavobw, 18 abr. 2006.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nicosia_Green_Line.jpg

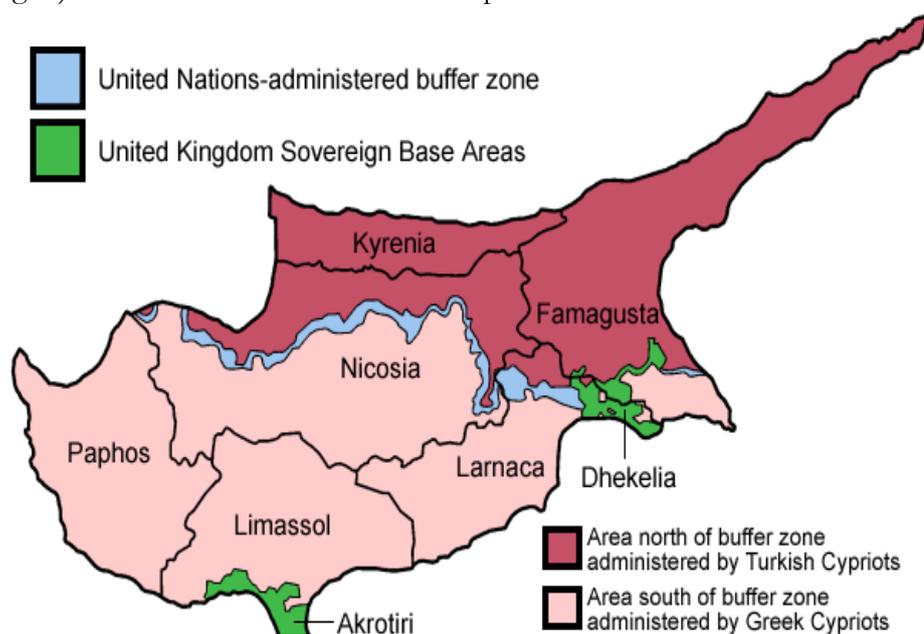
Nesse período, no entanto, em uma iniciativa do governo cipriota, as Nações Unidas promoveram o diálogo entre as comunidades, a fim de superar os impasses constitucionais existentes. Embora esse diálogo ocorresse em meio a muitas divergências, como as que concernem as decisões acerca de governos locais, foram alcançados avanços significativos entre as partes, o que foi interrompido em 1974.³⁷ Em 1973, uma Junta Militar tomou o poder na Grécia iniciando uma ditadura, o que impactou negativamente as relações entre

com cerca de 40 mil homens para a costa da ilha, visando evitar o processo de *enosis* proposto pela Guarda Nacional. Ocupou enclaves turco-cipriota ao norte da ilha, em Nicósia, áreas no leste, oeste e na cidade de Kyrenia⁴⁰. O Conselho de Segurança da ONU evocou as partes a respeitar a soberania e a integridade territorial da República de Chipre; solicitou que corroborassem para um cessar-fogo de modo a não adotar ações que agravassem o conflito; pediu o fim imediato das intervenções militares estrangeiras na ilha, salvo aquelas sob autoridade de

Após os conflitos de 1974, a UNFICYP passou a inspecionar a retirada da Guarda Nacional e das forças turco-cipriotas e grego-cipriotas, demarcando limites para atuação de cada uma delas. Foi, então, estabelecida uma zona de interferência das Nações Unidas, uma zona neutra (*Buffer Zone*) que divide o norte e o sul do país e separa as comunidades em conflito.⁴⁷ Também conhecida como “Linha Verde”, conta com 180 km de extensão, ocupando 3% do território cipriota. A divisão mais explícita ocorre na capital de Chipre, Nicósia. Dividida por um muro, a cidade apresenta diversas edificações abandonadas, áreas que ficaram intocadas desde a ocorrência dos conflitos.⁴⁸ O aeroporto internacional de Nicósia é um grande símbolo dessa divisão, tendo sido declarado, em 1974, como Área de Proteção da ONU (UNPA, em inglês)⁴⁹.

redirecionaram a função e o tempo de permanência na ilha⁵⁰. A UNFICYP passou a supervisionar a zona neutra, além de ser responsável por manter o cessar-fogo na região, o que culminou na expansão do número de efetivos e na extensão do tempo de permanência das tropas na ilha⁵¹.

Mediante a divisão do território pela *Buffer Zone*, a Turquia incentiva a comunidade turco-cipriota do norte do país a declarar sua independência, ainda que unilateralmente, o que foi feito em 15 de novembro de 1983⁵². A ação foi repudiada pelas Nações Unidas, que por meio de duas resoluções declarou a República Turca de Chipre do Norte (RTCN) como inválida com base na violação do Tratado de Garantia, e apelou aos membros da organização que adotassem semelhante postura, o que foi seguido pela comunidade internacional, salvo a Turquia, único país a reconhecer a RTCN⁵³.



Divisão da ilha do Chipre. Autor: Golbez, 01 jun. 2005.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cyprus_districts_named.png?uselang=pt

Dessa forma, o mandato das tropas da UNFICYP precisou ser alterado após os eventos de 1974, sendo então adotadas resoluções do Conselho de Segurança que

No decorrer de suas atividades, algumas reformas no âmbito financeiro foram feitas pelas Nações Unidas em relação à UNFICYP,

como as que alteraram as fontes de financiamento das tropas.⁵⁴

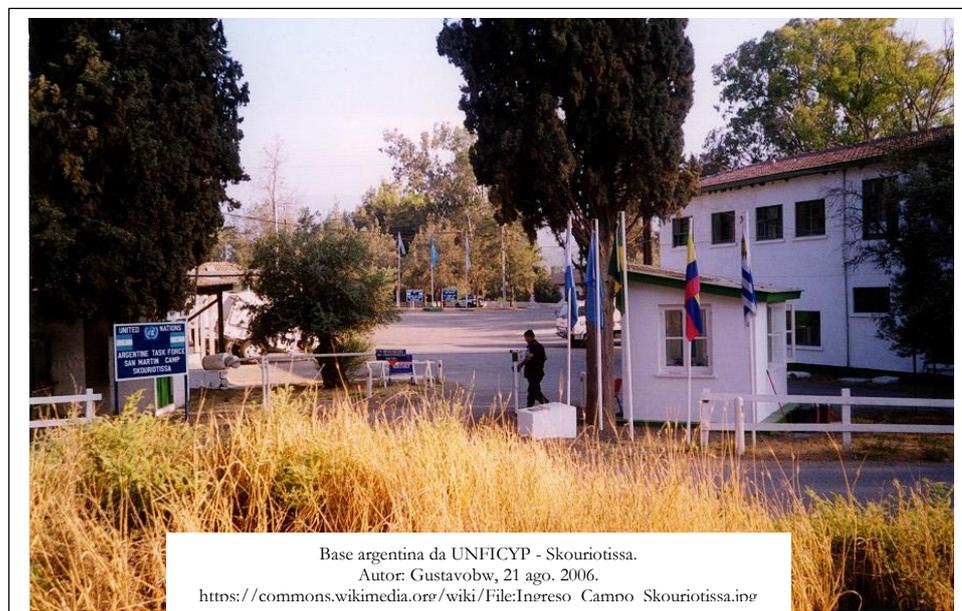
Até 1993, a UNFICYP era a única Operação de Manutenção da Paz da ONU que não era financiada com cargos e cotas divididas entre os Estados-membros. Seus gastos eram sufragados pelos Governos que proporcionavam contingentes militares, mediante contribuições voluntárias recebidas para este fim da ONU. Recebia, também, auxílio de Chipre, que disponibilizava instalações para a Força de forma gratuita⁵⁵. Desta forma, os Estados custeavam as atividades militares de suas tropas enviadas, enquanto que a ONU era responsável por gastos operacionais, administrativos e de apoio logístico, além de outros gastos extraordinários e ocasionais, sendo financiados por meio de contribuições voluntárias. Porém, a baixa absorção de contribuições voluntárias, somada ao alto custo da Força, acarretaram num déficit de 192 milhões de dólares aos países que enviavam seus contingentes militares, não recebendo o devido reembolso. O prejuízo, unido à descrença na resolução do conflito, significava uma ameaça para a UNFICYP, que via os países que forneciam tropas desconsiderarem sua participação. Devido a essa deterioração da situação financeira da Força, diversas tropas foram retiradas pelos seus respectivos países, com a UNFICYP vendo seu contingente reduzir-se em 28% com a retirada das tropas dinamarquesas (323 soldados), britânicas (198), austríacas (63) e canadenses (61). Diante disso, em 1993, o Conselho de Segurança decidiu que os gastos que não pudessem ser custeados pelas contribuições voluntárias, seriam considerados gastos da ONU, além de reestruturar o componente militar da missão⁵⁶. Sendo assim, com a redução do contingente, o custo ascendido pela ONU é de aproximadamente US\$52,045,600

milhões⁵⁷, com os gastos a encargo dos Governos que fornecem contingentes militares à ilha, sendo eles a Grécia, o Chipre e a Turquia, principalmente⁵⁸.

de “Força 860”, que reduziu o número de tropas de 1300 para 860⁶². O estreitamento entre os líderes comunitários e a promoção do diálogo, a fim de superar o conflito

Além das diversas ações militares, a UNFICYP realiza atividades humanitárias ao longo da zona neutra, como o desenvolvimento da agricultura, assistência às comunidades no abastecimento de água e energia elétrica, prestação de serviços às populações, serviços postais e intermedia o contato entre as duas comunidades.⁶⁴ Ademais, as tropas auxiliam o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) que, em virtude dos eventos de 1974, passaram a atuar decisivamente na ilha. Estima-se que o ACNUR tenha prestado assistência a cerca de 20 mil pessoas em Chipre.⁶⁵

Hoje, o componente militar é dividido entre o Setor 1 (composto militares da América Latina), o Setor 2 (militares do Reino Unido e da Irlanda do Norte), o Setor 4⁶⁶(composto por eslovacos) e outras unidades chaves (engenheiros, médicos, policiais militares, etc.).⁶⁷ A tabela abaixo informa os números de militares da Missão por país, observando-se que o contingente é formado majoritariamente por argentinos, eslovacos e britânicos, compondo parte dos 770 militares estrangeiros.⁶⁸



Base argentina da UNFICYP - Skouriotissa.

Autor: Gustavobw, 21 ago. 2006.

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ingreso_Campo_Skouriotissa.jpg

Em 1998, 1480 militares e 38 policiais civis, eram responsáveis pela segurança da zona neutra, manutenção da ordem e do cessar-fogo, e auxílio em atividades para a normalização da vida na região⁵⁹, bem menos que o efetivo inicial de 6411 militares em 1964. A vigilância é mantida por meio de patrulhas aéreas, motorizadas e a pé, além de um sistema de 151 Postos de Observação (OP) e uma estrada (TRACK) de patrulha ao longo de toda a zona neutra⁶⁰.

Diversos acordos foram propostos pela UNFICYP, como o que ocorreu em 2002, em que líderes das comunidades concordaram retomar as discussões sobre os impasses da ilha. No ano seguinte, foram abertos os primeiros pontos de passagem entre o norte e sul de Chipre, demonstrando avanços no diálogo intercomunitário⁶¹.

Ademais, outras mudanças estruturais impactaram a Força: em 2005, um novo conceito de operações entrou em vigor, chamado

histórico em Chipre, tem alcançado importantes avanços, sendo a Força fundamental para esse processo. Aliado a essas questões, ressalta-se ainda a importância social da UNFICYP, que através da promoção de workshops e outros eventos fomentam a conscientização entre a população relacionada a pautas importantes, como violência contra a mulher.⁶³

	MILITARES	FORÇA DE PROTEÇÃO	DEMAIS FORÇAS
ARGENTINA	197	26	35
BRASIL	1	0	0
CHILE	14	0	0
ESLOVAQUIA	190	7	37
HUNGRIA	0	6	0
PARAGUAI	14	0	0
REINO UNIDO E IRLANDA DO NORTE	163	10	65
SÉRVIA	0	5	0
TOTAL	579	54	137



Capital Nicósia – Divisão dos dois Setores desde 1974
 Autor: Pantelis Panayiotou, 17 dez. 2011.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Buffer_zone.jpg

No atual panorama, balanços da Assembleia Geral das Nações Unidas, que compreendem o período de 2018/2019, registram que as despesas com a Força estejam em torno dos 51,5 milhões de dólares⁶⁹. Desse modo, dado que a atuação das tropas no território cipriota ainda se mostra de suma importância para a manutenção da paz intercomunitária e da soberania nacional do país, o Conselho de Segurança da ONU, em 10 de julho de 2020, decidiu estender o mandato de permanência da

UNFICYP até 31 de janeiro de 2021, garantindo por mais seis meses a presença da Força na ilha.⁷⁰

CONCLUSÃO

Destarte, ao se levantar o debate envolvendo o Chipre, deve-se elucidar seus elementos históricos, combinados com a presença e atuação da ONU no país. Os embates internos que ocorrem em solo cipriota, envolvendo grego-cipriotas e turco-cipriotas, apresentam vários antecedentes. No decorrer de sua história, a ilha de Chipre fora habitada por gregos e pelo Império Turco Otomano, resultando em relevantes descendências, tanto gregas quanto turcas. Com o advento da Primeira Guerra Mundial, onde o Chipre passou a condição de colônia do Reino Unido, os interesses entre as partes tornam-se conflitantes.

Os grego-cipriotas, contando com o apoio da Grécia - que procurava a unificação de Chipre -, partiram para a luta armada, visando expulsar os colonizadores. Em contraposição, o Reino Unido, tendo a Turquia como aliada, lutou para frear o movimento, almejando uma parte do território. Com o desenrolar do conflito, Chipre alcançou sua independência em 1960, mesmo que Reino Unido,

Grécia e Turquia continuassem exercendo influência externa sob a ilha e as disputas entre as duas comunidades não tivessem cessado. Com alguns descontentamentos, os turco-cipriotas desejavam que o território fosse dividido, tendo o domínio da parte norte, com o sul ficando com os gregos. Tratando-se de uma crise internacional, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu a Força das Nações Unidas para Manutenção da Paz no Chipre (UNFICYP). Com sua recente extensão, a Missão já tem duração de mais de 56 anos, e tem sido fundamental para a manutenção da segurança, ainda que a questão não tenha ainda obtido um resultado político. Apesar dos líderes comunitários terem se aproximado e desenvolvido diálogos para que o conflito seja de fato superado, a presença da UNFICYP tem, também, uma relevância humanitária e social local, além de auxiliar criticamente para garantir a paz intercomunitária e a soberania nacional de Chipre. Sem a solução política, que fica mais difícil na medida em que Grécia e Turquia atualmente se conflitam por outras questões (por exemplo, os limites marítimos entre os dois países), a UNFICYP deverá permanecer naquele território cipriota ainda por um tempo significativo.

¹ Discentes do Curso de Relações Internacionais da UNESP - Campus de Marília/SP e membros do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais (GEPCI).

² BOWMAN, John S; WATHEN, David. **Cyprus | History**. Encyclopedia Britannica, [s.l.: s.n.], 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Cyprus/History>. Acesso em: 11 set. 2020.

³ **Mapa regional do Chipre**. Disponível em: <https://www.pngwing.com/pt/free-png-nipip>. Acesso em: 11 set. 2020.

⁴ MALLINSON, William. **Cyprus: A Historical Overview**. Cyprus: Press and Information Office, 2011, p. 5-12.

⁵ Idem.

⁶ BOWMAN; WATHEN, op. cit.

⁷ Idem.

⁸ MALLINSON, op. cit., p.13.

⁹ Idem.

¹⁰ BOWMAN; WATHEN, op. cit.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ MALLINSON, op. cit., p. 21-24.

- ¹⁵ Destacada pela luta armada do grupo nacionalista Organização Nacional dos Lutadores Cipriotas (EOKA, na sigla em grego), fundado em 1955, composto por grego-cipriotas que buscavam o fim da colonização britânica em Chipre e sua unificação com a Grécia.
- ¹⁶ MALLINSON, op. cit.
- ¹⁷ VICENTE, Paulo C. **O impasse político na questão cipriota**. Observatório de Relações Exteriores. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2015, p. 66-67.
- ¹⁸ MALLINSON, op. cit., p. 26-27.
- ¹⁹ ARAÚJO, Rodrigo E. A Organização das Nações Unidas e as Missões de Manutenção de Paz. **Revista do Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 135, p. 14, 1998.
- ²⁰ MALLINSON, op. cit.
- ²¹ UN. **S/RES/186**. The Cyprus Question. New York, 04 mar. 1964, p. 02-04. Disponível em: [https://undocs.org/S/RES/186\(1964\)](https://undocs.org/S/RES/186(1964)). Acesso em: 07 set. 2020.
- ²² UN. **Report of the United Nations Mediator on Cyprus to the Secretary-General**. New York, 16 mar. 1965, p. 58. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/573661?ln=en>. Acesso em: 06 set. 2020.
- ²³ MALLINSON, op. cit.
- ²⁴ UN. UNFICYP. **The 1967 Crisis**. 2020. Disponível em: <https://unficy.unmissions.org/1967-crisis>. Acesso em: 05 set. 2020.
- ²⁵ A cidade situada ao norte de Chipre recebe dois nomes, sendo chamada de Kyrenia pelos grego-cipriotas, e Girne pelos turco-cipriotas.
- ²⁶ UN, 2020, op. cit.
- ²⁷ Idem.
- ²⁸ Idem.
- ²⁹ UN, 2020, op. cit.
- ³⁰ Idem.
- ³¹ Desejo de união do território cipriota à Grécia.
- ³² MALLINSON, op. cit., p. 19.
- ³³ Idem.
- ³⁴ Partição da ilha e anexação do sul à Grécia e do norte à Turquia.
- ³⁵ Plano proposto pelos EUA frente à OTAN para solucionar a questão cipriota.
- ³⁶ MALLINSON, op. cit., p. 29-30.
- ³⁷ Idem.
- ³⁸ Idem.
- ³⁹ Tratado realizado entre Grécia, Turquia e Reino Unido que objetivava manter a integridade do território cipriota e, caso fosse necessário, permitia aos signatários intervir em prol da estabilidade na região.
- ⁴⁰ MALLINSON, op. cit.
- ⁴¹ ONU. **S/RES/353**. On a cease-fire in Cyprus. New York, 20 jul. 1974, p. 07. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/93471?ln=en>. Acesso em: 17 set. 2020.
- ⁴² UN. **Events of the summer of 1974**. Disponível em: <https://unficy.unmissions.org/events-summer-1974>. Acesso: 14 set. 2020.
- ⁴³ MALLINSON, op. cit.
- ⁴⁴ ARAÚJO, op. cit., p. 19-20.
- ⁴⁵ Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conselho-de-seguranca-renova-missao-de-paz-da-onu-no-chipre/>. Acesso em: 16 set. 2020.
- ⁴⁶ ARAÚJO, op. cit.
- ⁴⁷ Idem.
- ⁴⁸ Idem.
- ⁴⁹ UN. **The United Nations protected area (UNPA) and Nicosia airport**. Disponível em: <https://unficy.unmissions.org/united-nations-protected-area-unpa-and-nicosia-airport>. Acesso em: 17 set. 2020.
- ⁵⁰ UN. **UNFICYP mandate**. Disponível em: <https://unficy.unmissions.org/unficy-mandate>. Acesso em: 17 set. 2020.
- ⁵¹ ARAÚJO, op. cit.
- ⁵² VICENTE, op. cit.
- ⁵³ ONU. **S/RES/541**. On declaration by the Turkish Cypriot community of its secession from Cyprus. Nova York, 18 nov. 1984, p. 15. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/58970?ln=en>. Acesso em: 17 set. 2020.
- ⁵⁴ Idem.
- ⁵⁵ ARAÚJO, op. cit., p. 21-25.
- ⁵⁶ Idem.
- ⁵⁷ Segundo relatório da Assembleia Geral da ONU referente às despesas da UNFICYP, publicado em fevereiro de 2020. UN. **A/74/693**. New York, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3856176>. Acesso em: 09 nov. 2020.
- ⁵⁸ ARAÚJO, op. cit., p. 24-25.
- ⁵⁹ Idem.
- ⁶⁰ Idem.
- ⁶¹ ONU. UNFICYP. **Timeline**. Disponível em: <https://unficy.unmissions.org/timeline>. Acesso: 05 nov. 2020.
- ⁶² Idem.
- ⁶³ UN. **UNFICYP: News**. Disponível em: <https://unficy.unmissions.org/News/photos/cm-slovak-pres.htm?page=10>. Acesso em: 05 nov. 2020.
- ⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ O Setor 3 deixou de existir após a retirada das tropas canadenses em 1993.

⁶⁷ Segundo relatório da Assembleia Geral da ONU referente às despesas da UNFICYP, publicado em fevereiro de 2020. UN. **A/74/693**, op. cit. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/3856176>. Acesso em: 09 nov. 2020.

⁶⁸ Conforme dados publicados pelo site da missão em agosto de 2020. UN. UNFICYP. **United Nations military personnel are the Blue Helmets on the ground. They are contributed by national armies from across the globe.** Disponível em: <https://unficyp.unmissions.org/military>. Acesso em: 10 nov. 2020.

⁶⁹ ONU. **Financing of the United Nations Peacekeeping Force in Cyprus.** New York, 21 abr. 2020, p. 01. Disponível em: https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/74/737/Add.4. Acesso em: 18 set. 2020.

⁷⁰ ONU. **S/RES/741.** New York, 10 jul. 2020, p. 01-05. Disponível em: https://digitallibrary.un.org/record/3874169/files/S_2020_741-EN.pdf. Acesso em: 18 set. 2020.



Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília – SP.

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesse material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem as visões do OCI ou da UNESP.

Editor: Prof. Dr. Sérgio Luiz Cruz Aguilar

ISSN: 2359-5809

Comentários para: obsconflitos@gmail.com

Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci

Como citar: PASCHOAL, João Pedro de; QUEIROZ, Andressa Regis Melquiades; CAMARGO, Otávio Brasileiro Pires de. A Questão de Chipre e a Atuação da ONU. In AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). **Série Conflitos Internacionais**, v. 7, n. 6. Marília: OCI, 2020.

Série Conflitos Internacionais mais recentes

- As disputas marítimas no mar do sul da China: antecedentes e ações militares no século XXI - v. 6, n. 1
- A agressão militar da Federação Russa na Ucrânia - v. 6, n. 2
- Conflitos no continente americano: Haiti, Nicarágua, Venezuela - v. 6, n. 3
- O Conflito Separatista no Camarões: Anglófonos e Francófonos - v. 6, n. 4
- Os conflitos na região da Caxemira - v. 6, n. 5
- A agenda da ONU para as crianças-soldado - v. 6, n. 6
- O Conflito Sírio: A Retirada das Tropas Estadunidenses e a Investida Turca Contra os Curdos - v. 7, n. 1
- Conflito Entre os Estados Unidos e o Irã - v. 7, n. 2
- O conflito entre a Etiópia e a Eritrêa - v. 7, n. 3
- Extremismo Violento no Sudeste da Ásia – v. 7, n. 4
- O conflito na Líbia – v. 7, n. 5